

A DESCOBERTA DO ISLÃ - III

O PODER TURCO DO SÉCULO XI À QUEDA DE CONSTANTINOPLA

A DINASTIA DOS SELJÚCIDAS (1050 - 1260)

Ela iria cuidar da reconquista sunita em meio muçulmano e, para esse fim, os Seljúcidas criaram numerosos colégios religiosos para formar missionários destinados a todo o Oriente contaminado pelo Xiismo.

Muito rapidamente, eles se chocaram com as tropas do Basileu grego, e em Manzikerta, por volta de 1071, a derrota e a captura deste último marcaram o fim da Armênia cristã. Os Seljúcidas só tiveram que explorar sua vitória. Em 1076, eles penetraram em Jerusalém e, a partir de 1078, ocuparam quase toda a Ásia Menor. Mais ainda, Nicéforo Botaniates, persuadido de que o dinheiro pode obter tudo, imaginou tomar suas bandas a seu soldo e ele mesmo as instalou no Helesponto, na Propôntida e no Bósforo...

Em 1081, a chegada ao trono de Bizâncio de Aleixo Comneno marcou o fim da anarquia. O chefe turco Solimão, principal vassalo do Imperador do Oriente, recusou-se a reconhecê-lo e proclamou-se independente. Niceia foi a primeira capital da dinastia.

Em Roma, o Papa Gregório VII, o Reformador, marcou o início de uma sucessão de Papas muito ouvidos. A vida monástica se desenvolvia de forma extraordinária. Os descendentes dos Vikings, os normandos convertidos, instalaram-se no sul da Itália, raça de homens ávidos e bons guerreiros que cobiçavam o Oriente e suas riquezas.

A tomada de Jerusalém foi sentida com muita emoção pelo mundo católico, cujos peregrinos rumo aos Lugares Santos enfrentavam extremas dificuldades, sendo frequentemente reduzidos à escravidão. A ideia tomava corpo de uma necessidade de intervenção para libertar a região do domínio muçulmano e livrar o Santo Sepulcro. Já os normandos de Cápua e da Apúlia, pondo fim ao domínio bizantino na Itália, conseguiram conquistar a Sicília sobre os muçulmanos. A tomada de Palermo em 1072 pôs fim à operação.

Uma tentativa de derrubar o Basileu ocorreu, na forma de uma ofensiva normanda em direção a Bizâncio, a partir de um desembarque em Dirráquio (Albânia), onde as tropas de Aleixo Comneno foram esmagadas. A partir dessa data, começam o jogo duplo dos Basileus e a desconfiança dos europeus. Tendo salvo seu trono com uma habilidade duvidosa, reincidiu contra os bárbaros do Norte... e, finalmente, sem vergonha, pediu a ajuda da Cristandade. Com ou sem apelo, no final de 1095, o Papa Urbano II pregou a Cruzada.

Em relação aos turco-muçulmanos, o momento era oportuno. Desde a morte do terceiro Sultão seljúcida, Maleque Xá, em 1092, o império estava dividido em três partes. A Ásia Menor, de Niceia a Cônia, chamada Sultanato dos Rum, cobrindo aproximadamente o território da Turquia atual; a Pérsia, onde dois de seus filhos disputavam o trono; e a Síria, com duas capitais opostas: Alepo e Damasco. Mais ao sul, os egípcios odiavam os turcos.

A Primeira Cruzada (1096 - 1099)

Ela ocorreu em duas ondas sucessivas. O pregador Pedro, o Eremita, e alguns senhores pobres partiram com uma multidão de pessoas humildes e pobres: homens, mulheres, crianças, jovens e velhos! Muitas nacionalidades se misturavam ali. Inquieto, o astuto Aleixo Comneno emprestou-lhes seus navios e os desembarcou nas margens do Mar de Mármara, a poucos passos das tropas seljúcidas, talvez previamente avisadas. Foi um verdadeiro massacre. Apenas alguns milhares de pessoas escaparam.

Elas se juntaram à segunda onda, a cruzada senhorial, que estava chegando. Os chefes se chamavam Godofredo de Bulhão, duque da Baixa Lorena; Hugo de Vermandois, irmão do Rei da França Filipe I; Raimundo de Saint-Gilles, Conde de Toulouse; e o normando Boemundo de Taranto. Vindos por terra, os quatro corpos do exército, totalizando cinquenta a cem mil homens, fizeram sua junção em 1097 diante de Bizâncio; Aleixo Comneno, manobrando, só os fez passar para a Ásia após obter certas vantagens.

O primeiro trabalho dos cruzados foi tomar de assalto a cidade de Niceia, capital dos turcos. Os cruzados avançaram penosamente através da Anatólia para chegar à Síria. Em Dorileia, em 1º de julho de 1097, os seljúcidas atacaram uma tropa muito reduzida pelo calor. Graças a Godofredo de Bulhão, o confronto terminou com o esmagamento dos muçulmanos. Os cristãos armênios, refugiados na cordilheira do Tauro, facilitaram a travessia da montanha. Os francos sitiaram Antioquia. Graças a reforços em homens e material vindos pelo mar, com a cumplicidade dos armênios residentes, a cidade foi tomada em 2 de agosto de 1098. Imediatamente cercada por um exército muçulmano sob as ordens do Sultão de Mossul, uma violenta surtida a libertou definitivamente.

As rivalidades entre os chefes e a duplicidade do Basileu, que retomou contato com os fatímidas do Egito, fizeram a tropa estagnar. Os francos avançaram muito lentamente, de modo que Jerusalém lhes apareceu em 7 de junho de 1099. A cidade estava ocupada pelos egípcios. Reforços, principalmente materiais, chegaram pelo mar em Jafa. O assalto foi dado em 15 de julho. Ao anoitecer, tudo estava terminado.

Era necessário deixar uma guarnição, comandada por um chefe de valor. Godofredo de Bulhão foi designado. Um ano depois, seu irmão Balduíno o sucedeu à frente do Reino Franco de Jerusalém, que deveria durar quase dois séculos. A união nunca pôde ser realizada entre os gregos e os cruzados.

Por outro lado, estes nunca consideraram o Islã como um bloco, deixando-se enganar pela aparência de divisões que não eram senão lutas pelo poder aqui ou ali, mas dentro da Umma. Frequentemente se aliaram a bandos muçulmanos e até lutaram entre si.

As manobras do Basileu e a desunião dos latinos permitiram que os muçulmanos tomassem de assalto a cidade de Edessa, capital de um Condado fundado pelos cruzados de Balduíno de Hainaut. Os seljúcidas, no final de 1143, haviam encontrado na pessoa do Atabeg Zengui um notável chefe de guerra; a cidade foi palco de uma orgia de horrores. Essa verdadeira catástrofe levou o Papa Eugênio III a pregar, em dezembro de 1145, o apelo a uma nova cruzada. A ação e as pregações de (São) Bernardo, particularmente a da Páscoa em Vézelay, em 1146, permitiram a concretização do empreendimento.

A Segunda Cruzada (1147 - 1148)

Ela compreendeu dois exércitos. O primeiro sob o comando do Rei da França, Luís VII, acompanhado de sua esposa Leonor da Aquitânia; e o segundo dirigido pelo germânico Conrado III, cunhado do Basileu. Chegando diante de Bizâncio antes dos francos, o Imperador não os esperou. Qual o papel do grego? Ele fez passar os germânicos rapidamente para a Ásia... e, por um acaso surpreendente, os seljúcidas, reunidos em força, os esmagaram em Dorileia, em 26 de outubro de 1147.

O Rei da França chegou. O Basileu mais uma vez adotou uma postura repleta de falsidade. Ocultou o desastre germânico e enviou os cruzados para o sul de seu território. Uma vitória penosa, seguida de uma sangrenta derrota em Laodicéia, selou a imperícia do comando. Abandonando seus soldados, o Rei e o Imperador embarcaram para a Síria. Juntaram-se em Tiberíades ao jovem Rei de Jerusalém, Balduíno III.

Rivalidades impossíveis, escândalos em torno de Leonor, falta de senso tático: em vez de se dirigirem a Alepo e ao norte, os Príncipes preferiram atacar Damasco. A cidade foi tomada, mas o saque durou tanto que os muçulmanos puderam se rearticular. Noradino obrigou o Rei e o Imperador a reembarcarem. O turco ampliou seu sucesso.

Balduíno III opôs-se com coragem à sua ação e conseguiu contê-lo. Se não impediu que Damasco fosse conquistada em 1154, ele esmagou seu adversário nas margens do Lago de Tiberíades, graças aos Cavaleiros do Templo. Sua morte, em 1160, foi tão súbita que se falou em envenenamento.

Nessa época, o príncipe seljúcida da Síria recebia apelos do Egito. Pedia-se sua intervenção para reprimir as desordens de todos os tipos que marcavam a decadência dos fatímidas e que corriam o risco de favorecer as ações dos Cruzados na Palestina. Estes, lamentáveis diplomatas, não aproveitaram a ocasião.

O Califa seljúcida enviou, portanto, um exército sob o comando de um curdo emigrado da família dos aiúbidas, o Vizir Chirkouh. A conquista foi concluída em 1171. Com a morte do Vizir, o título passou para seu sobrinho e herdeiro Saladino, que, até sua morte em 1193, se mostraria o homem forte do Islã. Tendo o exército à sua disposição, Saladino assumiu o poder total em Damasco e se dedicou a restaurar a unidade. Depois de estender suas possessões até seu país de origem, conseguiu cercar o Reino Franco.

O Reino de Jerusalém, desde a perda do Condado de Edessa, de Alepo e do território de Antioquia situado além do Orontes, começava no Mediterrâneo em direção a Alexandreta (Iskenderun), englobava Antioquia, seguia a margem esquerda do Orontes, depois se alargava abaixo de Damasco, passava ao lado esquerdo do Litani, descia além do lago de Tiberíades e do curso do Jordão, além do Mar Morto, subindo até Gaza.

Tendo terminado com o cisma egípcio, Saladino retomou a jihad. Apesar da heroica resistência do jovem Rei leproso Balduíno IV, que conseguiu libertar o Krak de Moab, do outro lado do Mar Morto, antes de morrer em 1185, a revanche muçulmana se concretizava.

Os sucessores incapazes e rivais, a carência dos chefes permitiram que Saladino esmagasse o exército dos cruzados em Hattin, nas colinas acima de Tiberíades, em julho de 1187. Nada pôde então deter seu avanço. Uma após a outra, São João d'Acre, Sidon, Ascalão, Nazaré sucumbiram. Tiro resistiu. Finalmente, em 2 de outubro de 1187, Jerusalém lhe abriu suas portas.

Do Reino de Jerusalém, restava apenas a fortaleza de Tiro; do Principado de Antioquia, apenas a cidade e a fortaleza de Margat; do Condado de Trípoli, apenas a cidade, Tortosa e o Krak dos Cavaleiros. Era um verdadeiro aniquilamento, dolorosamente sentido na Cristandade e por um homem corajoso e bom chefe de guerra que se encontrava em Tiro, Conrado de Monferrato.

Enquanto os vencidos se recuperavam e se preparava na Europa, por instigação do Papa Clemente III, a 3ª cruzada, o Islã se expandia para o Leste.

A Terceira Cruzada (1189 - 1191)

O Islã se expandia em direção à Índia. De fato, a tribo turca dos gaznávidas, senhores do Afeganistão, transpôs as montanhas sob as ordens de Mahmud e se estabeleceu no Punjab, a partir de 1021. Os gaznávidas governaram a Índia gangética até 1191. Um muçulmano afegão da família dos rúridas os eliminou. Afirmando sua independência, fundou o Sultanato de Deli. Por volta de 1202, havia anexado o Doab e o Bengala. Evolução tornada clássica, como em muitos outros estados muçulmanos, o poder foi finalmente apropriado por seus tenentes mamelucos em 1206...

Se a unidade foi restaurada da Ásia Menor ao Egito e em todo o Oriente, sob a bandeira de Saladino, isso não era sequer cogitado no Norte da África, onde tribos e ritos diversos travavam uma luta impiedosa. Muito antes de tomarem o poder no Cairo, os fatímidas de Cairuão intervieram no Ocidente.

Após a morte de Idris II, em 829, seus sucessores dividiram o Marrocos. Esperando restaurar o xiismo e seu domínio, um exército vindo da Tunísia invadiu o país e pôs fim ao reinado dos idríssidas. O xiismo não conseguiu se impor, e o sunismo permaneceu o rito de um grande número de pequenas repúblicas berberes... O conjunto passou ao controle do Emir de Córdoba em 980.

Em 909, os mesmos fatímidas intervieram no Reino de Tiaret, também vassalo de Córdoba. A ordem xiita não pôde ser restaurada. Finalmente, senhores do Egito, eles usaram tribos saqueadoras a seu soldo para realizar uma terrível repressão: a invasão hilaliana. A partir de 1148, os berberes da tribo dos ziridas já se haviam refugiado na costa mediterrânea, em Bugia. A grande massa berbere, após os ataques de 1052, tornou-se nômade e se espalhou de um extremo ao

outro do Saara. Eles permaneceram fiéis ao sunismo.

Uma tribo, os sanhaja, havia sido doutrinada por um peregrino de volta de Meca. Desejosos de trazer os muçulmanos de volta à verdadeira fé, esses nômades das areias, velados de azul, organizaram-se em comunidades religiosas guerreiras, "al-muribatum", sob o nome cristianizado de Almorávidas. Lançaram-se à conquista do Marrocos. Já em 1054, os oásis estavam em seu poder e, em 1059, todo o sul marroquino.

Seu Yusuf I fundou Marraquexe em 1062. Apoderou-se de Fez e até mesmo de Argel em 1082. Muçulmano sunita muito ortodoxo, fazia rezar a oração ritual em nome do califa abássida.

A pedido dos emires espanhóis, Yusuf e seu exército de homens velados e negros passaram para a Espanha. Diante da Reconquista católica, a jihad pura e dura recomeçava.

Desde cerca de 1063, o Papa Alexandre II havia encorajado os cavaleiros franceses a se juntarem aos espanhóis para lutar contra os infiéis. Todas as grandes ordens religiosas participaram da organização dessa Cruzada. Não apenas a Marca criada por Carlos Magno e o conjunto dos pequenos Estados que permaneceram católicos, Astúrias, Galiza, Castela, Navarra, Aragão, Catalunha, agarrados às suas montanhas, haviam resistido, mas nas partes ocupadas, fortes núcleos católicos, os moçárabes, mantinham vigorosamente sua fé.

Em 920, o omíada de Córdoba havia tomado o título de Califa. No final do século, o empreendedor Almançor tentara reduzir a resistência por meio de razias destruidoras. Em 997, arrasou Santiago de Compostela, exceto o Santo Sepulcro... Em seguida, os muçulmanos, amolecidos pelo clima e pela vida fácil, aquietaram-se. Em 1031, o Califado foi substituído por uma federação de vinte e três pequenos reinos, os "Taifas".

Consciente da fragmentação e, portanto, da fraqueza gerada, o Rei de Castela, Fernando I, o Grande (1033-1065), iniciou uma campanha. Conseguiu conquistar um certo número de Taifas. Seu filho Afonso VI (1065-1109) convocou cavaleiros e monges em seu auxílio. O Papa Gregório VII pregou uma verdadeira cruzada. O exército católico retomou a ofensiva. Toledo caiu em 1085, após mais de dois anos de cerco. A guerra tornou-se geral. Os emires, apavorados, fraquejaram... e os guerreiros velados almorávidas fizeram sua aparição.

No final de junho de 1086, a situação foi revertida. Em poucos anos, a nova dinastia impôs ao país uma autoridade rígida e uma religião fanática. Em outubro de 1086, Yusuf massacrrou o exército do Rei Afonso VI em Zalaca.

De atacantes, os católicos tornaram-se defensores. Encontraram um notável chefe de guerra na pessoa de Rodrigo de Bivar, "*Sid Campidictor*", o Cid Campeador, que morreu em julho de 1099, no momento em que os Cruzados penetravam em Jerusalém. A luta continuou com acirramento, com altos e baixos.

Os almorávidas conseguiram invadir Portugal; os mouros da Provença intervieram e tomaram as Ilhas Baleares, de onde atacaram Barcelona. Afonso I de Aragão (1104-1134) impôs-se como chefe dos católicos. Da tomada de Saragoça em 1118 à de Córdoba e Granada em 1126, os almorávidas, embora derrotados, não foram eliminados.

Em seu país de origem, berberes do Atlas se revoltaram, liderados por um "Madhi", Muhammad ibn Tûmart. Desejando reagir contra o laxismo religioso e moral dos outros muçulmanos, esses berberes afirmavam-se "Confessores da Unidade de Deus", os almôadas.

De 1120 a 1146, uma verdadeira guerra religiosa, amarga e cruel, ocorreu através do Marrocos pela tomada do poder. Desde o início, os Zíridas os chamaram para Bougie. Abd al-Mu'min, sucessor de Ibn Tûmart, conquistou toda a Tunísia. Ele esmagou, em uma justa reviravolta, a tribo dos invasores saqueadores de 1052, os Banû Hilal. Ele não esqueceu os católicos nativos, cujo desaparecimento obteve por meio de perseguições. Ele repeliu as tentativas de desembarque em Bougie dos normandos e dos almorávidas das Baleares. A Tunísia tornou-se um vice-reino almôada, controlado pela família dos hafáridas. Eles dominaram todo o leste argelino. O Magrebe central dependia do Emir de Tlemcen, um abdalúadida. Os almôadas passaram, desde sua entrada no Marrocos, para a Espanha. Em 1145, eles haviam subjugado os almorávidas. Abd al-Mu'min declarou-se Califa em 1147.

A resistência e, em seguida, a ofensiva católica contra os novos senhores foram lideradas pelo Rei de Portugal, Afonso Henriques. Ele foi, em algumas operações, auxiliado por uma frota de cruzados anglo-franceses. Mas a pressão da reconquista foi interrompida pelo chefe almôada Iácome, em Alarcos, em 1195.

Finalmente, uma coalizão organizada sob o impulso do Arcebispo de Toledo, ajudada pelos Cruzados, liderada por vários reis, enfrentou-se para a batalha decisiva com as tropas de Iácome, o mesmo Iácome que em 1220, no Marrocos, decapitou com sua própria mão cinco franciscanos enviados da Espanha pelo rei mouro de Sevilha, perto da Serra Morena, em junho de 1212, em Las Navas de Tolosa. A vitória marcou o fim do poder almôada. No momento de sua morte em 1252, o Rei Fernando III deixou aos muçulmanos apenas o pequeno reino de Granada, sem ambições guerreiras.

Enquanto se desenrolavam as peripécias da "Reconquista", o drama eclodiu entre os bizantinos e os católicos. Por uma questão de casamento, "a população massacrou em plena Bizâncio os fiéis de Roma, sob a direção dos monges cismáticos que clamavam pelo carnificina. A cabeça cortada do Legado Pontifício foi amarrada ao rabo de um cão..." Aproveitando-se desses distúrbios muito violentos, um novo Basileu tomou o poder, Isaac II Anjo.

O novo Imperador viu surgir um novo problema. Os exércitos da III Cruzada se aproximavam.

Por via terrestre, dirigiam-se para Bizâncio as tropas do Imperador Germânico Frederico Barbarossa. Havia se reunido na Sicília um exército comandado pelo Rei da França Filipe Augusto, e outro dependente do filho de Leonor da Aquitânia, ex-esposa de Luís VII, pai de Filipe Augusto, e de Henrique II Plantageneta, Rei da Inglaterra. O príncipe comandante de guerra era Ricardo, que ganharia seu apelido de "Coração de Leão". O mínimo que se pode dizer é que os dois comandantes não se suportavam.

Os germânicos chegaram primeiro. O Basileu se submeteu e os fez passar para a Ásia Menor, onde seu avanço foi muito rápido. A capital dos seljúcidas foi tomada, Saladino recuou precipitadamente.

Infelizmente, Frederico morreu de congestão após um banho. Nesse mês de junho de 1190, o exército se desintegrou. Algumas tropas juntaram-se, em São João d'Acre, ao corpo expedicionário franco-inglês finalmente desembarcado. Em 12 de julho, a cidade foi tomada de assalto. Filipe Augusto, considerando seu voto cumprido, reembarcou. Ricardo ficou sozinho para continuar a guerra. Suas vitórias serviram apenas para torná-lo quase amigo de Saladino. Este aceitou assinar um tratado garantindo a todos os cristãos o livre acesso aos Lugares Santos.

Saladino morreu em 1193. Seus herdeiros dividiram o império. Houve dois sultanatos, o de Damasco e o do Cairo. Sua autoridade dependia em grande parte de suas tropas, os mamelucos, em sua maioria de origem turca.

Os cruzados, que se reinstalaram na costa síria, obtiveram de Damasco o estabelecimento de um *modus vivendi*, economicamente lucrativo para ambas as partes, quanto ao uso dos portos.

Um novo Papa, Inocêncio III, subiu ao trono de Pedro em 1198. Ele se empenhou em relançar uma cruzada. Foi apenas com muita dificuldade que se organizou gradualmente

A Quarta Cruzada (1201-1204)

Desde o início, foi uma cruzada verdadeiramente desviada! Para obter os navios necessários ao transporte de suas tropas, os chefes Bonifácio de Montserrat, Simão de Monfort e o escritor Godofredo de Villehardouin tiveram que passar pela vontade do Doge de Veneza.

Os Cruzados esmagaram a cidade dálmata de Zara, uma temível rival comercial. Em seguida, um membro da expedição, filho de Isaac Ângelo, o basileu deposto, conseguiu levá-los a conquistar Bizâncio para retomar o poder.

Em 17 de julho de 1203, a cidade foi tomada sem muita dificuldade. Isaac Ângelo e seu filho recuperaram o trono. Por fim, o povo se revoltou e liquidou os dois soberanos. Muito irritados, em 13 de abril de 1204, os Cruzados retomaram a cidade. O massacre e o saque foram abomináveis e sacrílegos. A fortaleza que impedia os muçulmanos e outras hordas asiáticas ou eslavas de passar foi destruída.

Apesar da criação de um novo Império Romano do Oriente, chamado Império Latino e confiado a Balduíno de Flandres, nada pôde impedir sua decadência. Os ataques dos búlgaros e dos descendentes dos antigos basileus levaram à rendição do Império Latino a Miguel Paleólogo, em 1261. Apesar dos esforços do basileu, Bizâncio nunca recuperou seu poder e, no início do século XIII, uma tribo turca, cheia de ambição, acampava sob suas torres.

Mas o perigo imediato, tanto para os seljúcidas quanto para os cristãos, viria das estepes que margeiam o lago Baikal. No momento em que os Cruzados saqueavam Bizâncio, uma raça de cavaleiros extraordinários, os mongóis, lançava-se para conquistar as riquezas da China, da Pérsia... e do Ocidente.

Em 1202, com seu líder Gengis Khan, eles haviam se tornado senhores da Manchúria e, em 1209, da Mongólia. Dois anos depois, invadiram a China, arrasaram Pequim e fizeram dos imperadores Song seus vassalos.

Em seguida, partiram para o Oeste. O Turquestão e o Afeganistão foram conquistados em condições atroz. Eles cruzaram os Urais e, em 1224, invadiram o sul da Rússia, esmagando a cavalaria dos príncipes de Kiev.

Contornando o mar Cáspio, preparavam-se para penetrar na Pérsia, quando Gengis Khan morreu em 1226. Ele deixou um enorme império, da Coreia ao Volga, do Baikal ao Tibete. Seus filhos continuaram a expandir suas posses. Um deles atacou em direção a Kiev, que tomou e arruinou, invadiu a Volínia e a Galícia de 1236 a 1237, territórios que se estendiam ao sul dos pântanos de Pinsk, margeando a Polônia e terminando no Danúbio e nos Cárpatos.

Assim foi fundado o Canato de Kipchak, dividido em duas regiões: a Horda de Ouro (Rússia europeia) e a Horda Branca (Mar de Aral - Turquestão). Em 1237, os búlgaros foram subjugados e a Rússia ocupada até Novgorod. De 1239 a 1242, eles devastaram a Polônia, o extremo do Império Germânico (Viena não estava longe), a Hungria, a Sérvia e se retiraram para além do Danúbio.

A ofensiva contra a Pérsia permitiu a criação do Canato da Pérsia, que anexou, a nordeste, o Afeganistão e, a oeste, a Mesopotâmia. Em seguida, eles colidiram com o império seljúcida. Empurraram-nos para a Ásia Menor e, em 1258 e 1259, tomaram Bagdá e Damasco.

No ano seguinte, o sultão do Egito bloqueou seu avanço e os empurrou de volta para o Eufrates. Na outra extremidade de seu império, os mongóis subjugaram novamente a China, cujos imperadores, no entanto, eram seus vassallos. Eles derrubaram a dinastia Hung e instalaram em seu lugar sua própria família, os Yuan, em Pequim, em 1279. Invadiram a Birmânia e o Tibete.

Os mongóis, embora pouco numerosos, e talvez por isso mesmo, revelaram-se excelentes organizadores. Eles estabeleceram um sistema financeiro, uma rede de postos que funcionava muito bem e serviços de abastecimento eficientes.

O que era ainda mais surpreendente é que um certo número deles havia sido evangelizado por missionários nestorianos. Estes, muito cultos, foram frequentemente os secretários dos chefes e criaram alfabetos a partir dos dialetos utilizados. Sua influência era considerável. Algumas tribos eram budistas, outras judaicas; muitas se mostravam preocupadas em poupar os cristãos. Todas odiavam os muçulmanos.

Uma oportunidade excepcional se apresentava para a Europa católica. Em pleno período de reconquista cristã diante do Islã invasor, seria possível estabelecer uma cooperação entre esses asiáticos e os Cruzados que ocupavam os Lugares Santos?

Infelizmente, em mais de um século, a vontade de testemunhar a fé "cruzando-se" para a glória de Deus havia se enfraquecido muito no mundo dos adultos da Europa; a heresia e os combates da Guerra dos Cem Anos monopolizavam as paixões.

Foi a juventude que testemunhou o impulso da fé... Por volta de 1212, ocorreu uma verdadeira cruzada de crianças. Milhares de adolescentes embarcaram em Marselha. Das sete galés de transporte, duas naufragaram, e duas atracaram na Argélia, onde os jovens foram vendidos como escravos. Da Alemanha também, um jovem grupo partiu por terra, mas se dispersou, exausto, na Itália.

O Papa Inocêncio III, insistindo no exemplo dado e na afronta assim feita aos adultos de todas as classes sociais, retomou a pregação de

A Quinta Cruzada (1217-1221)

Com sua morte em 1216, seu sucessor Honório III continuou seus esforços. O Rei da Hungria e o Duque Leopoldo da Áustria partiram. Os franceses já haviam mobilizado suas tropas. Apenas o Rei de Jerusalém, João de Brienne, era capaz de conduzir as operações. O entendimento não pôde ocorrer. O Rei da Hungria guerreou sem resultado por alguns meses e depois reembarcou. O Papa o excomungou.

Por instigação de João de Brienne, os "Francos" desembarcaram em 1218, em frente a Damietta. O plano consistia em tomar a cidade e depois trocá-la por Jerusalém. Em fevereiro de 1219, o Sultão do Cairo aceitou o acordo. A teimosia obstinada do Legado Pontifício fez a manobra fracassar. Encerrando-se em Damietta, tomada em 1219, o Cardeal ficou preso na armadilha. Cidade do Delta, a planície ao redor foi inundada pela cheia do Nilo. Tentando uma saída, foi derrotado diante de Mansura. Foi o reembarque geral.

Um precursor do ecumenismo moderno, o Imperador Germânico Frederico II era conhecido pela amplitude de suas ideias. Vivendo, aliás, com sua corte em Palermo, havia estabelecido excelentes relações com o mundo muçulmano bem próximo. O Sultão do Egito, Melik el Kâmil, tornara-se seu amigo, razão pela qual se comportara com generosidade durante a derrota dos cruzados em Mansura. Embora excomungado pelo Papa Gregório IX, mas muito interessado no título de Rei de Jerusalém, o Imperador embarcou para

A Sexta Cruzada (1228-1229)

A diplomacia e a amizade foram eficazes. Por um tratado assinado em fevereiro de 1229, o Sultão devolveu Jerusalém, exceto a Mesquita de Omar, Nazaré e todas as localidades que ligavam a cidade santa a São João d'Acre e a Jaffa. Libertou os cristãos prisioneiros. Os fiéis das duas religiões obtiveram o direito de ir rezar aos Lugares Santos. Os dois soberanos comprometeram-se mutuamente para uma aliança defensiva e ofensiva recíproca, por dez anos.

Em março, Frederico II se coroou a si mesmo Rei de Jerusalém... Após essa vitória, o Papa suspendeu a excomunhão.

Esse enorme resultado obtido sem morte de homem algum se devia apenas às boas relações dos dois príncipes? A impressão muito forte que o Sultão Melik el Kâmil recebera alguns anos antes da extraordinária visita que lhe fizera (São) Francisco de Assis, durante a Quinta Cruzada, no mínimo havia preparado o terreno...!

A Sétima Cruzada (1239-1240)

Pregada e reivindicada pelo velho Papa Gregório IX, ela partiu conduzida por dois trovadores famosos. Nenhum grande chefe de guerra os acompanhava. Aproveitando a rivalidade existente entre os dois sobrinhos herdeiros de Saladino, o sultão do Egito Eyoub e o Sultão de Damasco

Ismail, o exército dos Cruzados conseguiu reconquistar vastos territórios: a Galileia, a cidade de Ascalão, trazendo quase o Reino de Jerusalém de volta aos seus antigos limites.

A euforia não durou. O Sultão de Alexandria, senhor da situação, tinha diante de si, como sempre, um reino franco em meio à anarquia. Era a época da invasão mongol. O Sultão contratou uma tribo turca particularmente feroz, os khwarezmianos, que fugiam diante do avanço asiático. Eles retomaram Tiberíades, Jerusalém e Ascalão em 1244. Em seguida, foram, com os egípcios, sitiar Damasco.

O grande medo que assombrava as mentes cristãs e muçulmanas provinha desses pequenos cavaleiros que forjavam um imenso império. Após a derrota de Liegnitz, na Polônia (Baixa Silésia), sofrida pelas tropas católicas em 1241, os Papas tentaram pregar uma cruzada contra os tártaros.

Por fim, sensíveis à presença e à influência dos cristãos nestorianos entre os invasores, decidiu-se enviar embaixadores. Um monge franciscano, partindo de Lyon em abril de 1245, chegou em julho de 1246 a Caracórum. Bem recebido, sua missão, no entanto, resultou em fracasso. Um cônego lionês entrou em contato com o governador da Transcaucásia. Este aceitou a ideia de uma luta comum contra os muçulmanos.

Era mais ou menos a época em que o Rei da França, São Luís IX, curado de uma doença muito grave, decidiu realizar o voto feito durante a mesma.

A Oitava Cruzada (1248-1254)

O Papa Inocêncio IV ajudou muito em sua preparação, que durou três anos. Da construção de Aigues-Mortes à captura de São Luís, tudo foi narrado pelo Duque de Joinville, Senescal de Champanhe, que fazia parte do alto-comando. Foi uma expedição repleta de fervor religioso e ímpeto místico. O Rei era acompanhado por sua esposa, Margarida de Provença, enquanto sua mãe, Branca de Castela, assegurava a regência.

Os cruzados dirigiram-se a Chipre, possessão dos lusignanos poitevins. O plano de campanha não estava definido, e muitos meses se passaram discutindo o ponto de desembarque: Egito ou Síria.

São Luís recebeu um pedido de colaboração do governador do Cáucaso para um ataque combinado. Os embaixadores eram nestorianos. São Luís acolheu com interesse a proposta e enviou de volta os cristãos orientais com ricos presentes. O Santo Rei não pôde se resolver a associar-se com bárbaros pagãos e cismáticos por uma causa, mesmo que excelente... A negociação parou por aí.

Decidiu-se desembarcar no Egito. Em 4 de junho de 1249, o exército chegou diante de Damietta, que caiu sem dificuldades. Os cruzados permaneceram, sem motivo aparente, mais de cinco meses no local. Finalmente, São Luís deu ordem de marchar sobre o Cairo.

Como na Vª Cruzada, tudo se decidiu em Almançora. O cerco durou vários meses. Tomada a cidade, no dia seguinte os cruzados foram cercados por sua vez. A doença, a fome, obrigaram os franceses a recuar para Damietta, e foi a catástrofe. Em 8 de fevereiro de 1250, o Rei foi capturado.

Damieta resistia, as tropas sendo galvanizadas pela presença da bela Rainha Margarida. No final de abril de 1250, em troca de Damieta e do pagamento de um resgate enorme, os muçulmanos libertaram o Rei e os outros prisioneiros... São Luís permaneceu quatro anos nos Lugares Santos. Enviou aos mongóis, em maio de 1253, um novo franciscano. Fez fortificar as praças do pequeno reino e reembarcou em abril de 1254.

Os vencedores não tiveram tempo de saborear sua vitória. Os mongóis chegaram. Damasco foi tomada em 1259 e toda a Síria ocupada. A dinastia aiúbida e seus protegidos, os seljúcidas, desapareceram na aventura.

As tropas mongóis eram comandadas por um cristão nestoriano, que tinha consigo descendentes de cruzados e armênios. Merecia ser aproveitada a oportunidade de uma cooperação para expandir o Reino de Jerusalém. No entanto, os líderes de São João d'Acre recusaram a chance assim oferecida e preferiram um acordo com os egípcios.

Desde 1254, a enorme guarda pessoal do Sultão, os mamelucos, e seu chephe Albek haviam tomado o poder. Bons soldados, conseguiram resistir e repeliram os mongóis até a Mesopotâmia. Antes disso, os chefes militares haviam, de forma muito astuta, recolhido no Cairo, por volta de 1258, um príncipe abássida em fuga e o instalaram como Califa. A associação assim realizada das forças temporais e espirituais mostrou-se muito eficaz. O Egito tornou-se o farol do Islã sunita, irradiando sobre toda a comunidade.

Foi nesse período que as populações da Núbia, atual Sudão, cristãs coptas, passaram para o Islã. Os mamelucos reunificaram os dois antigos sultanatos e lançaram-se contra os católicos. Tudo foi reocupado; da Armênia do Tauro, Antioquia, Cesareia, Jafa e o Krak dos Cavaleiros Hospitalários, restou apenas a cidade de São João d'Acre.

A Nona Cruzada (1270)

Já em 1267, São Luís havia anunciado sua decisão de partir novamente para combater os Infiéis. Por diversos motivos, o Rei levou as tropas a desembarcar na Tunísia, perto de Cartago. O cólera dizimou os Cruzados; o Rei morreu em 25 de agosto.

Estava acabado. O Ocidente se desinteressaria da Terra Santa. Apesar de numerosos apelos dos cãs mongóis que tentaram rechaçar os muçulmanos, as nações católicas não se moveram. Após repelir mais uma vez os mongóis, os mamelucos apoderaram-se de São João d'Acre, em maio de 1291. O massacre foi praticamente total!

Na Índia, os mamelucos, senhores do Sultanato de Déli, também repeliram os mongóis de Gengis Khan em 1222 e permaneceram no poder até 1290. Seus sucessores, os turcos Khalji, tomaram o Decão e mantiveram a totalidade do norte da Índia. Seus substitutos, os turcos Tughluq, controlaram quase toda a Índia. A partir de 1338, ocorreu um fracionamento em estados muçulmanos. Foi o ataque dos mongóis de Timur que pôs fim ao poder de Déli, que se manteve até 1526, quando o poder, ainda muçulmano, passou para o Grão-Mogol.

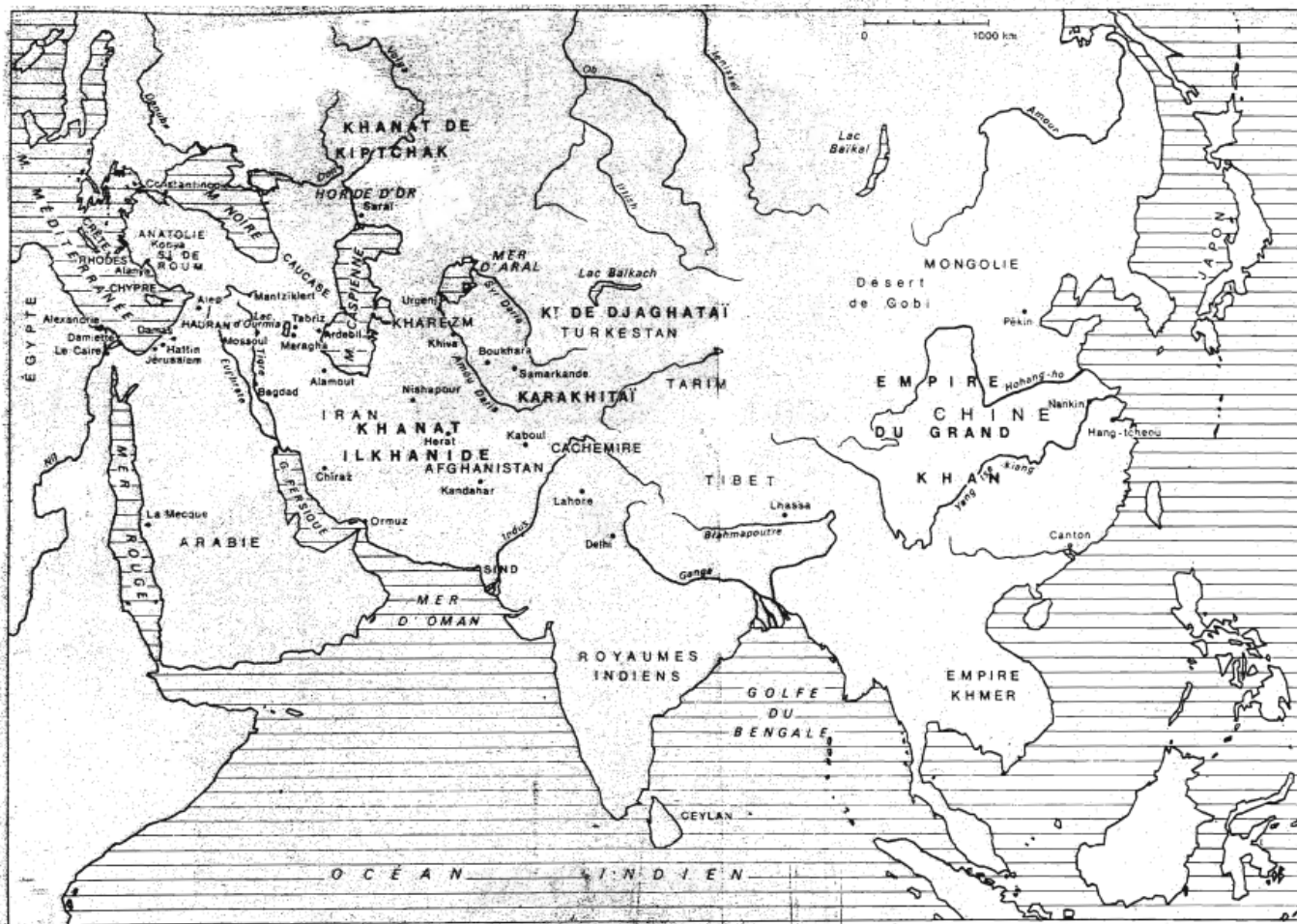
Sob o reinado dos seljúcidas, outras tribos turcas se estabeleceram na Anatólia. Elas guerrearam contra os bizantinos. Entre elas, a tribo dos osmanlis havia dado mostras de fidelidade ao Sultão.

Dela, recebera terras perto de Ancara e, posteriormente, se convertera ao Islã. De seu acantonamento ao redor de Niceia, ganhou importância sob a direção de Osman I, que foi assim o fundador da dinastia dos otomanos.

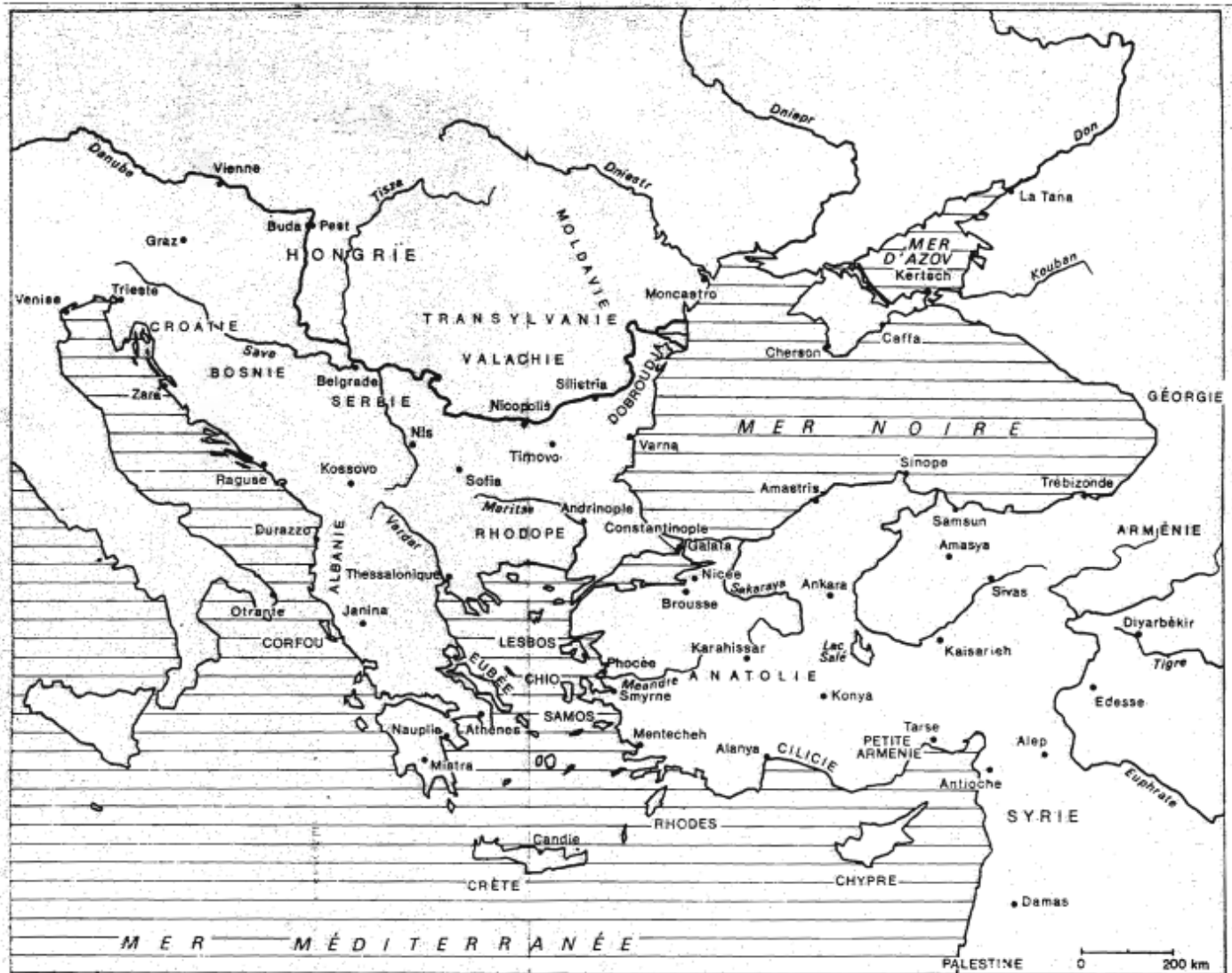
A DINASTIA DOS OTOMANOS (1260 - 1918)

Pouco tempo após a ascensão destes ao poder, a família real capetiana extinguiu-se na França. O trono coube aos valois, cujo primeiro Rei, Filipe VI, inauguraria os combates da Guerra dos Cem Anos.

L'Orient musulman du XI^e siècle aux Ottomans



**La formation de l'Empire turc
(xiv^e-xv^e siècles)**



Desde o início da dinastia otomana, sem intervenção do Sultão, o Islã consolidou seu domínio sobre a Pérsia. Por volta de 1295, o Chefe Mongol do Canato, o Príncipe Ghazan, se converteu. Como, ao chegarem, os mongóis haviam expulsado o califa sunita de Bagdá e libertado os xiitas, foi o rito deles que se tornou preponderante na Pérsia. Isso não cessou desde então. Sempre em luta contra novos invasores vindos do Norte, os turcomanos, o canato desabou sob os golpes de Timur, Tamerlão, entre 1380 e 1392.

Graças à fidelidade de seu chefe aos califas de Damasco, os otomanos viram seu território se expandir. Orhan (1324-1359) transferiu a capital para Bursa, em 1327. Ele foi verdadeiramente o organizador do poder de sua família. Estabeleceu uma administração séria ao dividir seu estado em três províncias e criou um exército permanente, o corpo dos janízaros.

É notável constatar que o Sultão não buscou refazer a unidade material da Umma. Ele deixou em paz o outro império, o dos mamelucos do Egito, e voltou todas as suas forças contra a Europa Católica.

O Basileu usurpador lhe deu sua filha em casamento, para convidá-lo a lutar contra o Paleólogo, imperador legítimo de Bizâncio. Isso foi abrir a Europa para seus intentos. Aproveitando as divisões religiosas das populações balcânicas, Orhan se instalou em Galípoli, nos estreitos, em 1354, e começou a conquista da Trácia e da Macedônia.

Diante da expansão islâmica, a Catolicidade conhecia sua decadência. A unidade de fé representada por Roma e pelo latim, conduzida pelo Rei da França, iria pouco a pouco desaparecer. A rivalidade franco-inglesa, estendida de 1337 a 1453, semeará o caos e a miséria; o surgimento do protestantismo facilitará o desenvolvimento dos egoísmos e interesses materiais particulares, os dos mercadores, banqueiros, cidades, nações e monarcas. Os infiéis puderam operar sem temer reações verdadeiras.

Assim que chegou ao poder, Murade I (1360-1389) fixou sua capital no coração da Trácia: Adrianópolis. Os emires da Ásia Menor, mantidos tranquilos, ele pôde lançar suas forças ao assalto da área ocupada direta ou indiretamente pela civilização bizantina.

O Papado estava consciente do perigo. O apelo à cruzada ecoou diante da França e da Inglaterra se despedaçando, da Itália em presa às lutas intestinas e de um Império Romano Germânico inexistente! Apenas o Príncipe Amadeu VII de Saboia, "o Conde Verde", se cruzou. Partiu de Veneza em 1366, retomou Galípoli, fez uma incursão no Mar Negro, obteve alguns sucessos e retornou.

Após Urbano V, foi a vez de Gregório XI apelar por socorro. Os soberanos da Europa Oriental ameaçada, Hungria, Sérvia, Bósnia, Bulgária e Valáquia reuniram suas tropas sob o comando do Rei da Hungria.

O exército católico foi esmagado em 1371, às margens do Maritsa. O Sultão avançou até Sófia e terminou a ocupação da Bulgária em 1388. Paralelamente, na Ásia Menor, ele havia eliminado o último vestígio das Cruzadas, os cristãos da Pequena Armênia e seu último chefe, Leão VI de Lusignan.

Após a vitória do Maritsa, o reino da Sérvia, estendido sobre a Macedônia, o Épiro (Albânia) e a Tessália, tornou-se o próximo alvo. Ele conseguiu suscitar para sua defesa uma coalizão regional. O exército assim constituído, sob as ordens de Lázaro, Príncipe de Raska (Sérvia do Norte), foi esmagado em 1389, em Kosovo, embora o Sultão tenha perecido no combate.

Seu sucessor Bajazeto (1389-1402) mostrou-se muito enérgico. Bizâncio teve que lhe pagar tributo e fazer com os otomanos o cerco da única fortaleza cristã remanescente ao sul da Anatólia.

1394 viu a tomada de Tessalônica e a pregação de uma nova cruzada. Como as operações da Guerra dos Cem Anos estavam suspensas por uma trégua, um grande número de cruzados veio da França e da Alemanha. As tropas, com o Duque da Borgonha, João sem Medo, e o Almirante João de Viena, colocaram-se sob as ordens do Rei da Hungria, Sigismundo de Luxemburgo.

Mais uma vez, a coragem não supriu a nulidade estratégica dos chefes. Tendo sitiado Nicópolis, no Danúbio, em 1396, o exército foi atacado e destruído pelos muçulmanos. Se João sem Medo foi feito prisioneiro, Sigismundo conseguiu atravessar o rio e se salvar. Todos os prisioneiros foram massacrados, com exceção de algumas grandes personalidades, que tiveram de pagar um alto

resgate.

A situação na Europa continuava favorável aos infiéis: loucura de Carlos VI na França, Guerra das Duas Rosas na Inglaterra, questionamento da autoridade pontifícia em Roma...! Bayezid completou a conquista da Bulgária, ocupou a Bósnia, a Romênia (Valáquia e Moldávia) no Danúbio, atravessou a Hungria e, para além do Lago Balaton, lançou incursões na Estíria e nas fronteiras da Alemanha.

Nas montanhas balcânicas, de difícil acesso, a penetração foi fraca. Nas vastas planícies da Trácia, da Rumélia e da Bulgária, os otomanos instalaram muitos homens. Eles impuseram sua própria civilização. As planícies foram literalmente subjugadas. Os nobres foram mortos ou deportados para a Ásia, as igrejas incendiadas e as terras submetidas ao regime do "Sipahinik".

Substituindo os aristocratas locais, grupos de cavaleiros muçulmanos extraíam seu sustento das massas camponesas. As famílias foram obrigadas a entregar regularmente parte de seus filhos ao Sultão. Seguiu-se uma emigração muito significativa e uma insurreição quase permanente nos maciços montanhosos. A Bulgária tornou-se o celeiro da Turquia... O domínio otomano muçulmano foi total até o século XIX, graças à administração e à organização das explorações agrícolas à maneira turca, em "tschiftliks", a forma rural mais dura para o Homem dos Bálcãs, segundo Fernand Braudel.

Bayezid se acalmou... retomando para si o velho sonho infiel, ele sitiou Bizâncio. Ainda não era a hora da realização; outros bárbaros salvariam a velha capital.

Da Transoxiana, entre o Mar de Aral e o Altai, daquela região de Samarcanda e Bukhara de onde partiram os seljúcidas, o Rei do País, o turco Timúr, muçulmano devoto, já havia começado a expandir seu império. Declarando-se em 1370 sucessor de Gengis Khan, ele se tornou senhor do Afeganistão e da Pérsia em 1280. Expandiu-se em direção à Índia e chocou-se com o Sultanato de Déli em 1398-1399. Para o oeste, suas tropas ocuparam a Geórgia, do outro lado do Cáspio, depois a Armênia, a Mesopotâmia e a Cilícia, bloqueando assim a Ásia Menor. Vencedor em Damasco e Alepo sobre os mamelucos, devastou Bagdá em 1401.

Ele se voltou para a Anatólia. Bayezid correu... A batalha decisiva ocorreu no mesmo ano perto de Ancara. O Sultão foi vencido e feito prisioneiro. Pouco tempo depois, morreu no cativeiro.

Bizâncio teve que se reconhecer vassala de Timúr. Esmirna, ainda mantida pelos Cavaleiros Hospitalários de Rodes, foi destruída.

Verdadeiro nômade, Timúr Leng (Tamerlão) partiu novamente com suas hordas em direção à Ásia...!

A sucessão de Bayezid provocou uma série de lutas internas, que se voltaram a favor de Maomé I. Durante esse período conturbado, a desunião endêmica dos cristãos não permitiu a organização de uma contraofensiva para rechaçar os muçulmanos de volta à Ásia. Foram eles que retomaram o ataque. Após restabelecer a ordem em suas tribos, o Sultão bloqueou novamente Bizâncio em 1422. **Repelidos em seu assalto por uma aparição da Virgem**, e prejudicados pela solidez das muralhas, os infiéis levantaram o cerco. O Peloponeso conheceu razias e pilhagens.

O Basileu João VIII, que já não possuía mais nada além de sua cidade, correu ao Ocidente pedir socorro. A divisão dos europeus, a guerra civil francesa, a lembrança das manobras de Bizâncio na época das Cruzadas impediram qualquer forma de ajuda.

O avanço das tropas otomanas continuou e o novo chefe, Murade II, alcançou Belgrado em 1440. Uma pequena coalizão obteve vários sucessos contra os otomanos. Por fim, a juventude do chefe, o polonês Ladislau III, permitiu que o Sultão o esmagasse em Varna, às margens do Mar Negro, em 1444... As tropas turcas haviam sido transportadas por navios genoveses! As tropas húngaras, ainda em campanha, foram massacradas em 1448.

Restava apenas o Ocidente para salvar Bizâncio. De Inocêncio III a Nicolau V, todos os Papas receberam embaixadores e súplicas, mas todos impuseram como primeira condição o retorno ao seio da fé católica, antes de pregar a cruzada.

Finalmente, no final de março de 1438, abriu-se na Itália o Concílio, no qual os enviados bizantinos evocaram a atroz situação de tantos cristãos gregos já submetidos ao jugo muçulmano, muitos reduzidos à escravidão e à abjuração, e a angústia de todos aqueles que, ainda livres, aguardavam o golpe mortal. Os ortodoxos se alongavam em discussões ociosas... bizantinas, para defender um cisma sem fundamento sério. A morte do Patriarca em pleno concílio, deixando uma declaração-testamento, reconhecendo o Bispo de Roma como Pontífice Supremo e único representante de Nosso Senhor Jesus Cristo na terra, permitiu a realização de um acordo. Em 6 de julho de 1439, o Ato de União foi assinado e publicado em latim e grego.

Mas, em Constantinopla, a multidão, incitada pelos monges, em sua grande maioria fanáticos e ignorantes, recusou-se a obedecer. O Clero seguiu o mesmo caminho, e o Basileu Constantino XI não publicou o decreto... Diante do agravamento da situação, a fórmula do Ato seria finalmente proclamada: os altos dignitários da Igreja Romana foram recebidos pela multidão grega com a frase: *"Melhor ver reinar em Constantinopla o turbante dos Turcos Maometanos do que a mitra dos Latinos!"*. Exclamação aberrante que prefigura o "Melhor ser Vermelho do que morto", dos pacifistas modernos.

Em 1451, Maomé II, homem culto, muito ativo, muito enérgico, mas sem escrúpulos e bastante cruel, tornou-se Sultão. Ele reforçou as fortalezas necessárias ao controle dos Estreitos. Sua diplomacia obteve a neutralidade das grandes cidades marítimas, Gênova e Veneza. Os antigos inimigos húngaros e a própria família do Basileu deixaram-se convencer a não intervir. O cerco pôde começar no início de 1453.

As frotas ocidentais, compostas por grandes "naus" de cem toneladas ou mais, poderiam facilmente ter destruído a frota muçulmana, esmagando suas faluas. A trégua as imobilizou. Por uma manobra ousada, o transporte de seus navios por via terrestre, o Sultão conseguiu neutralizar a frota de Bizâncio no Corno de Ouro. O ataque definitivo ocorreu em 29 de maio. O saque e o massacre foram o que se podia esperar dos Cavaleiros de Alá.

Em Santa Sofia, os milhares de Cristãos que ali se refugiaram e rezavam foram degolados. Mais de cinquenta mil gregos, de ambos os sexos e de todas as idades, foram vendidos como escravos. Todos os altos personagens da Corte foram supliciados. Inestimáveis tesouros da Arte e da

Inteligência foram absurdamente saqueados e destruídos.

No terceiro dia, em Santa Sofia, cujas paredes haviam sido besuntadas de gesso, o vencedor fez sua entrada solene e recitou a oração muçulmana... Bizâncio-Constantinopla havia definitivamente mudado de religião e de senhor.

Os Cristãos restantes tiveram de pagar um imposto per capita. O Sultão conseguiu fazer do Clero um amigo e... o novo patriarca recebeu dele a investidura!

Apenas o Papado manifestou uma real lucidez diante do desastre representado pelo desaparecimento do bastião cristão mais que milenar. A partir desse momento, todos os Papas se empenharam em pregar a Cruzada para deter o avanço do Islã.

Em 1455, uma nova tentativa contra Belgrado resultou em fracasso. Um exército de socorro, reunido por um Franciscano apoiado por Roma, conseguiu penetrar na Cidade. Uma frota pontifícia conseguiu derrotar a frota otomana em 1457, em Metelino... sobressalto passageiro.

Maomé II apoderou-se da Moreia e do restante da Ática. Sua frota, vitoriosa sobre a de Veneza, em 1470, em Negroponte, invadiu Creta e as Ilhas Gregas. Conquistados os últimos estabelecimentos venezianos da costa albanesa, o Sultão submeteu a Sérvia e a Bósnia e, em seguida, retomou o controle das planícies romeno-búlgaras do Danúbio, apesar de algumas violentas reações húngaras.

A frota superou-se. As feitorias italianas foram tomadas de assalto. Ataques ocorreram no Friul, e Veneza teve de pagar tributo. Em 1480, o cerco e a tomada de Otranto, no Sul da Itália, seguidos do massacre de todos os habitantes, lançariam a Itália no terror.

Maomé II anunciou que faria seu cavalo comer no altar de São Pedro, em Roma!

L. D.